

A POESIA LÍRICA TROVADORESCA:

Uma análise dos aspectos estilísticos na cantiga de amor

Leandro Freitas Menezes¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar a poesia lírica trovadoresca, mas especificamente os aspectos estilísticos nas cantigas de amor. Notou-se que esta apresenta em seu conteúdo o sofrimento de um trovador ao se empenhar na conquista da senhora. Esse sofrimento, a “coita”, constitui uma linguagem própria dos trovadores e uma convenção literária. Sendo assim, necessita-se saber como isso se reflete na estrutura do poema e vice-versa. Uma vez que o campo de análise é muito vasto, necessitou-se especificar o assunto. Nesse caso, mostrou-se o valor expressivo dos verbos em um das cantigas de amor de refrão de Dom Dinis (1978). Já que estes aspectos estilísticos tiveram grande importância na formação do pensamento contemporâneo estudá-lo na sua língua de origem, o Galego-Português, seria importante na atualidade. Por fim, concluiu-se que os poemas são estilisticamente pouco extensos, com excessos de paralelismos e com estrofe.

Palavra chave: Lírica trovadoresca. Cantigas de amor. Estilística trovadoresca.

Introdução

Objetivo deste trabalho é estudar a poesia lírica trovadoresca. Esta, cultivada primitivamente na região da Galiza, espalhou-se pela Península Ibérica e internacionalizou-se. Os artistas que dominavam os gêneros dessa poesia eram chamados de trovadores, geralmente contratados pelas cortes com a finalidade de entretenimento. Essas poesias eram chamadas de cantigas das quais se podem citar basicamente três: a cantiga de amor ou *cansós*, cantiga de amigo e cantiga de escárnio e de maldizer. Utilizando-se desses gêneros da lírica, os trovadores divertiam os palacianos da seguinte forma: lançando mão, por exemplo, da cantiga de escárnio e de maldizer eles escolhiam um dos aristocratas presentes para falar mal ou ridicularizá-lo perante todos os participantes da festa. Porém, com uma diferença: a cantiga de escárnio fazia-se de forma indireta e a cantiga de maldizer diretamente. De forma diferente,

¹ Leandro Freitas Menezes é Licenciado em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira / Linguística Aplicada na Educação pela Universidade Cândido Mendes. Emails: leandrofm.icm@hotmail.com / leandrofreitasmenezes@yahoo.com.br / Tel.: 3721-7003 Cel.: 8844-5147.

na cantiga de amigo o trovador passa-se por uma mulher² que dirige seu canto ao amado que era homem de guerra, ou a sua mãe ou amigas. Essa cantiga tem como temas o amor, a saudade, a crítica etc. Contendo certa correspondência de estrutura e de tema com a cantiga de amigo, as cantigas de amor têm uma relação maior com o amor cortês, código de ética oriundo da vida aristocrática. Ora, ao investigar as literaturas observou-se que essas cantigas apresentam em seu conteúdo o sofrimento ou a “coita” de um trovador ao se empenhar na conquista da senhora (mulher casada). Para isso, eles empregam uma linguagem própria e uma convenção literária. Além disso, notou-se que existem muitas obras que trazem as cantigas, porém poucas delas trazem análises estilísticas. Sendo assim, elabora-se o seguinte questionamento: de que forma a estrutura vocabular do poema contribui para expressar estilisticamente o comportamento desses atores contidos nas cantigas de amor?

A fim de sanar provisoriamente essa incógnita, admiti-se por hipótese a seguinte assertiva: as palavras na Língua Portuguesa assim como no Galego-Português antigo tem em comum um vocabulário extremamente semântico e expressivo. Além do mais, nas cantigas de amor os trovadores não usavam as palavras por um acaso, mas eles as agrupavam de forma seleta a fim de que os versos e as estrofes fizessem sentido. Por conseguinte, esse uso das palavras vai além das regras gramaticais.

A importância em solucionar, mesmo de forma parcial, essas questões está no fato de trazer contribuições para o campo dos estudos literário e estilístico. E já que os aspectos estilísticos oriundos do amor cortês tiveram grande relevância na formação do pensamento contemporâneo estudá-los na sua língua de origem, o Galego-Português, seria importante na atualidade.

Por fim, para alcançar o objetivo proposto pretende-se fazer o seguinte: relatar a história da lírica trovadoresca; explicar o conceito de “amor cortês”; assinalar o gênero Cantiga de amor; descrever a estilística da Língua Portuguesa segundo M. Rodrigues Lapa; proceder à análise de corpus.

Desenvolvimento

² A respeito disso, Mongelli; Maleval; Vieira (1992) fazem uma ressalva dizendo que na península Ibérica, não houve nenhum poema assinado ou de autoria feminina, logo esse eu feminino das cantigas de amigo é fictício.

Relato acerca da história da lírica trovadoresca galego-portuguesa

Geralmente, como é comum se pensar, o conjunto de textos literários representa a cultura e os costumes de uma determinada nação. Todavia, deve-se considerar que a formação de um povo pode ter muitas raízes culturais estrangeiras, como por exemplo, o Brasil.

Nesse sentido, quando se fala em poesia lírica galego-portuguesa (primitiva) esse *status* de poesia nacional não se deve apenas a Galiza, mas também a outros reinos que faziam fronteira política, tais como: de Leão, Castela, Aragão e Catalunha, Navarra e Portugal, explicam Mongelli; Maleval; Vieira (1992). Além disso, os nobres circulavam entre as cortes por razões diplomáticas, guerras, asilo político. Uma segunda situação está relacionada aos poetas profissionais que vendiam às cortes sua arte e entretenimento. Isso não contribuiu apenas para a formação da poesia galego-portuguesa, mas também para sua internacionalização.

Entretanto, se a poesia galego-portuguesa foi composta por diversas raízes culturais e internacionalizou-se, por que ela teria sido escolhida como modelo de expressão escolhida para circular na península ibérica? Há alguns motivos para isso, tais como: após a Galiza ter sido agregada ao condado portucalense e posteriormente ao reino de Portugal, a cultura galeza ganhou importância. Outro motivo foi o fato dos restos mortais de São Tiago de Compostela terem sido descobertos na Península Ibérica. Esses dois acontecimentos históricos transformaram parte da península em um centro de atração cultural.

Não existe data precisa com que se poderia datar o início e nem o fim da poesia lírica galego-portuguesa. Entretanto, de acordo com Mongelli; Maleval; Vieira (1992), o primeiro texto foi a cantiga de maldizer *Ora faz ost' o senhor de Navarra* escrita por Joam Soares de Paiva no ano de 1196. Da mesma forma que as autoras puderam atribuir uma data para o começo, atribuíram também à morte de D. Dinis³, em 1325, como o fim do lirismo trovadoresco galego-português.

Essa poesia aristocrática cultivada nos castelos proporcionou uma nova postura e uma visão de mundo inovadora que faz parte de um código de comportamento denominado de “amor cortês” ou *fin amors*. Nesse sentido, segundo Beltran (1995) uma figura muito importante foi

³ Conforme Gonçalves *apud* Lanciani (1993), D. Dinis (1261-1325) foi rei de Portugal entre 1279 e 1325. Foi também um dos mais importantes trovadores em galego-português e também o promotor de uma política cultural com resultados assinaláveis em outros gêneros da literatura medieval portuguesa.

a do trovador porque foram eles que criaram e cultivou uma forma poética, de amar e de erotizar.

Köhler (1964) *apud* Mongelli; Maleval; Vieira (1992) apresenta razões para que a aristocracia adotasse esse novo código de comportamento amoroso que alterou as atitudes da sociedade feudal. O período medieval foi dotado de muitas guerras sangrentas. Sendo assim, adotaram-no com o “objetivo de demonstrar que a nobreza pode estar no valor moral e espiritual do indivíduo, e não mais no sangue e no valor militar” (MONGELLI; MALEVAL; VIEIRA, 1992, p. 32). Corroborando com isso, Beltran (1995) argumenta que essa concepção de amor não concupiscente e sublimado tinha como objetivo melhorar a condição do homem, incitando-o a refinar sua natureza e os seus hábitos, se convertendo, portanto, em uma chave de equilíbrio pessoal e social ou em outras palavras: “o amor transforma os néscios em finos cortesãos” (BELTRAN, 1995, p. 20). Assim, como o amor para esta sociedade significava uma recompensa, o homem deveria fazê-lo por merecer, sendo portador de certas qualidades, entre as quais: a medida, generosidade, a cultura, os bons costumes e o trato educado. Tudo isso tem sentido em uma só palavra usada na época medieval: *bem ensenhat*. As discussões dos autores podem ser exemplificadas usando-se a figura do cavaleiro que embora fosse homem sanguinário era dotado de uma elevada nobreza: ético, cortês e defensor dos oprimidos. Por causa dessa postura, era mistificado pela sociedade feudal. Entretanto, não eram somente os homens obrigados ao código de ética no amor cortês, as mulheres também deveriam ter uma qualidade: a *mercê* ou piedade que deveria impulsioná-las a se corresponder lealmente. Conceitualmente isso se chama *fin* ou *fino* (BELTRAN, 1995).

Observando isso, não é por um acaso que se ouvem atualmente as mulheres, **tidas** como damas, atribuírem aos homens o adjetivo de cavaleiro e vice-versa. Ou mesmo, quanto ao comportamento cortês dos homens em relação às mulheres no ato da conquista. Esses vocabulários bem como esse comportamento, como se pode constatar, vem das raízes do amor cortês provençal.

Sobre a teoria do amor cortês, Lapa (1981), de maneira mais bem desenvolvida que as autoras, mostra que seu fundamento está nas relações de suserania e vassalagem, porque assim como nessa relação um nobre vassalo prestava homenagem e serviço ao seu suserano, um homem dedicava-se a servir a uma senhora. É interessante notar que o amor cortês constitui a religião dos trovadores, assim, o vocábulo “serviço” está ligado a um culto que se realizava em torno da conquista dos favores amorosos de uma senhora. Essa conquista, assim

como nas relações feudais, era composta por rituais ou níveis que dizem respeito à intimidade entre o trovador e a dama: a) o suspirante, o suplicante, o namorado ou amigo e o amante. Acerca dessa teoria, Beltran (1995) explica que essas relações oriundas do feudalismo se converteram na expressão mais afetuosa para as relações eróticas: por exemplo, na homenagem em que vassalo e suserano selavam sua obrigação com um beijo na boca ou mesmo no gesto em que o primeiro colocava as mãos sobre as de seu senhor. Outro fato é essa designação que o trovador utiliza: *mia senhor, senhor* (senhora) etc. A utilização desse tipo de vocativo pelo trovador equivale a tratar a senhora tal qual um suserano. Assim, como se pode observar a teoria do amor cortês desenvolvida e explicada pelos autores tem fundamento e coerência nas relações feudais.

Havia dificuldades que impedia o homem de alcançar os favores amorosos de sua senhora, considerado o prêmio, por isso, ele precisava cultivar a paciência e suportar o sofrimento por causa do amor platônico, ou seja, não correspondido. Essas dificuldades podiam ser: o recato da dama, o marido vigilante, a ignorância do próprio sentimento, timidez, inferioridade, por temer a rejeição. Porque a mulher era casada⁴, o namorado não podia confessar abertamente seu amor e nem se dirigir a ela pelo nome. Por conseguinte, ele utilizará inúmeros vocativos ou códigos os quais colaboravam com a discrição, tais como: dona, mulher, moça, donzela, amiga ou dama, senhor, minha senhor etc. Porém, a ocultação desse sentimento trarão certos sintomas para o amante: insônia, perda de apetite, palidez e distração perpétua. A respeito desse conjunto de sintomas, Beltran (1995) diz que eles têm origem clássica sendo debatidas pelos poetas líricos e pelos escritores de novelas bem como pelos estudiosos de medicina. Como se pode ver, o amor e seus sintomas foi um amplo objeto de meditação. Entretanto, para além disso, foi um dos motivos essenciais da cultura medieval.

Por fim, as poesias dos trovadores galego-portugueses chegaram à atualidade por meio de três grandes coletâneas manuscritas: o Cancioneiro da Ajuda, o Cancioneiro da vaticana e o Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa.

O gênero cantiga de amor

⁴ Para mais bem explicar, Mongelli; Maleval; Vieira (1992) argumentam que na sociedade feudal os casamentos eram arranjados com o objetivo de perpetuar herança ou por interesses políticos entre as cortes. Sendo assim, havia veladamente a ideologia de que o amor só poderia ser vivido plenamente fora do casamento.

Embora os outros gêneros sejam extremamente importantes, escolheu-se estudar a cantiga de amor por ser um gênero estritamente ligado a concepção do amor cortês. Sendo assim, a teoria descrita no tópico acima guarda muita das características da Cantiga de amor que não será necessário repetir.

O tema sobre o qual as cantigas de amor estão construídas é obviamente o amor, por isso, incluem todo o tipo de contato físico entre trovador e senhora no intercâmbio afetivo. Evocam muitas vezes um passado feliz como expressão de um desejo (BELTRAN, 1995).

Embora Lapa (1981) teoricamente tenha feito uma analogia do compromisso existente entre um suserano e seu vassalo em relação ao trovador e a dama, quando se refere ao gênero Cantiga de amor Lanciani (1993) faz certas ressalvas. O autor argumenta que na verdade os trovadores se utilizavam evidentemente do amor cortês para elaborar suas cantigas de forma convencional como os gêneros em geral são. Ao pronunciar as cantigas para o divertimento do público aristocrático, não se dirigiam a uma senhora real, como na relação de suserania e vassalagem, mas a uma senhora abstrata e idealizada. Beltran (1995) argumenta favoravelmente acerca disso ao dizer que as Cantigas de amor eram construídas geralmente sobre conceitos metafísicos autênticos que transcendem seu significado, idealizando-o e espiritualizando-o de forma a exceder suas concepções mundanas. Vista dessa forma, as Cantigas de amor tornam-se não só numa chave de existências, mas numa perfeição moral.

Essa visão geral sobre a construção da Cantiga de amor vai excluir dela duas características: a descrição física da senhora e o prelúdio primaveril. Dessa forma, segundo Beltran (1995) em poucas cantigas se poderá notar o trovador descrevendo a cor do cabelo ou dos olhos, assim como as paisagens bucólicas. Dessa maneira, se são suprimidos os traços físicos da senhora e da natureza são eliminados também o vocabulário concreto e feita a utilização de palavras abstratas.

A estrutura apresenta em três ou quatro estrofes (raramente em duas ou cinco) de sete versos decassílabos, octossílabos ou heptassílabos. Muitas que possuem estrofes de quatro ou de cinco versos são seguidas de refrão de um, dois ou três versos.

A estilística da Língua Portuguesa segundo M. Rodrigues Lapa

Sobre os traços estilísticos na Língua Portuguesa, M. Rodrigues Lapa compôs uma obra intitulada *Estilística da Língua Portuguesa*, em que procurou estudar minuciosamente as particularidades do estilo na linguagem. Entre essas particularidades, Lapa fala sobre o léxico e a evocação que ele pode evocar ao ser utilizado por um usuário da língua. As palavras suscitam em nós as imagens das coisas a que se referem; mas como essas coisas podem revestir vários aspectos, cada um de nós apreende nas palavras o seu aspecto pessoal, aquilo que particularmente lhe interessa. Ele continua ainda a dizer que as palavras estabelecem uma atmosfera fantasiosa e sentimental que constitui o seu valor expressivo. Dessa forma, a fim de mais bem detalhar o trabalho desse estudioso, elaborou-se o quadro abaixo (Apêndice A) onde foram priorizadas algumas das classes de palavras e seu valor estilístico. As informações do quadro deverão ser comparadas com a cantiga que tem marcadas as palavras em cores diversas (Apêndice B), permitindo, assim, a elaboração da análise de *corpus*.

Quanto à estrutura da Cantiga de amor, ela possui três estrofes de versos heptassílabos. A rima final dos versos tem a seguinte configuração: ABBACCB.

Essa cantiga apresenta no primeiro capítulo um eu lírico, no caso um trovador, que pede a sua senhora que se recorde e retifique o que ele chama de mal que é o afastamento ou a não correspondência amorosa. E então, numa hipótese de que isso aconteça, ele espera vê-la e agradá-la. Na segunda e na terceira estrofe, o trovador de início faz uma louvação à beleza da senhora que com tal exuberância não lhe permite aproximação com o trovador. Por causa disso, este se mantém em constante sofrimento que é justificado pela recompensa desejada, mesmo que seja vê-la por um só instante. A terceira estrofe demonstra a esperança que o trovador tem em receber sua recompensa diante da tristeza que se intensifica. Dessa forma, tamanha vai se tornando a tristeza e a mágoa que a recompensa reivindicada aumenta na mesma proporção: não é mais um instante como na estrofe anterior, mas um dia no ano.

Quanto ao uso do vocabulário expressivo, aplicando a teoria de Lapa (1970), percebe-se que não seria fácil traçar um paralelo entre substantivo concreto e abstrato. Assim, como classificar substantivos, destacados na cor vermelha, como *Deus*, *mal*, *correção*, *quebranto*, *alegria*, *tristeza*, *mágoa*? De acordo com a gramática normativa seriam todos abstratos uma vez que não são percebidos pelos órgãos do sentido, entretanto, podem estilisticamente assumir um face concreta porque são de nível conceitual e sabe-se que cada indivíduo ou conjunto de pessoas tem um conceito formado acerca dos seres. Por isso, quando se diz *Deus*

forja-se a imagem ou busca-se a referência para essa palavra em algo concreto. Nos adjetivos, destacados na cor azul, nota-se a presença em alguns versos não só de uma palavra apenas, mas de um conjunto de palavras que pronunciadas com um certo tom tem apenas um significado. Por exemplo, na segunda estrofe, a frase *Bem parecedes sem falha / que nunca viu homem tanto* que se traduz por *Ó formosura sem falha / que nunca um homem viu tanto* expressa uma elevada exaltação à beleza da senhora que se compara a um deus tal é o nível de abstração que ele a insere. Entretanto, podem-se destacar outros adjetivos como *senhor* e *grand ou gran* (senhora e grande). O primeiro, em especial, não está acompanhado de artigo, por isso, sua função é qualificadora e ao mesmo tempo traça um nível hierárquico entre o a senhora e o trovador. Dessa forma, inicialmente ele utiliza esse adjetivo para fazer o seu pedido ou sua súplica de forma de respeitosa ou até mesmo como um código. Palavras como os verbos no subjuntivo *recordasse, mandasse e agravasse*, nos versos predominantemente da primeira estrofe demonstram dúvida ou hipótese em relação aquilo que espera receber. Além disso, o próprio pronome *se* reforça essa ideia ao impor a condição de que a senhora se recorde do mal que ela tem feito a ele. Outros verbos, na segunda estrofe, como *levado* e *grado* (penado e recompensado) que estão no particípio regular, dão a ideia de dinamismo. Assim, enquanto no primeiro o trovador declara sua condição de constante sofredor, com o segundo verbo ele demonstra suas expectativas de poder viver alegrias constantes ao lado da senhora. Percebe-se, com isso, que o sofrimento está para a recompensa. O verbo *vedes* no imperativo não expressa ordem ou pedido, mas seus desejos e aspirações de poder ver e agradar sua senhora. Mesmo assim, como verbos no imperativo regular não deixam dúvidas entre aquilo que o trovador pede a senhora e essas aspirações.

Conclusão

Ao empreender o estudo sobre os efeitos estilísticos provocados pelos vocábulos na cantiga de amor, notou-se que a estilística atribui um sentido especial as palavras e frases que vão muito além dos conceitos puritanos da gramática. Sendo assim, com as noções estilísticas pode-se compreender com mais coerência aquilo que os atores expressam, como, por exemplo, a súplica do trovador à senhora ou suas cortesias quando usa diversos adjetivos para retratá-la. Tais palavras não são meras palavras cujo significado bastaria a um dicionário, mas tem o poder de levar o leitor a um contexto em que os acontecimentos percebidos por meio delas causam emoção, desejo, tristeza, alegria etc. Sendo assim, conclui-se que os trovadores ao improvisar suas cantigas se utilizavam de um vocabulário próprio e seletivo que contextualizava seu desejo pela senhora, sua dor, sua paciência e sua alegria ao tornar-se amante.

REFERÊNCIAS

- BELTRAN, V. A cantiga de amor. Lisboa: Edicións Xerais de Galicia, 1995. p. 9-72
- DINIS, Dom. Cantigas de amor. In: CORREA, N. (Sel.). *Cantares dos trovadores galego-portugueses*. Lisboa: Estampa, 1978.
- LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Org. e Cood.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993. (verbetes sobre cantigas e trovadores).
- LAPA, M. R. *Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.
- LAPA, M. R. *Lições de Literatura Portuguesa: época medieval*. Coimbra: Coimbra, 1981.
- SPINA, S. *A lírica trovadoresca*. São Paulo: Edusp, 1996, verbete sobre “amor”, p. 363-367.
- VIEIRA, Y. F. A poesia lírica galego-portuguesa. In: MALEVAL, M. do A. T.; MONGELLI, L. M.; VIEIRA, Y. F. *A literatura portuguesa em perspectiva: Trovadorismo e humanismo*. São Paulo: Atlas, 1992, v. I, p. 25-54.

APÊNDICE A

CLASSES DE PALAVRAS	VALOR ESTILÍSTICO
Substantivos	Segundo a teoria, substantivos abstratos são aqueles que escapam a experiência de nossos sentidos e os concretos são os seres materiais sobre os quais se pode exercer esse mesmo sentido. Entretanto, o conceito de abstrato tem uma face concreta e o conceito de concreto tem uma face abstrata. Como exemplo, a palavra <i>beleza</i> , abstrata, ao ser pronunciada evoca uma imagem ou um retrato concreto. Ou seja, cada pessoa tem seu referencial de beleza. Já o concreto se transpõe para o abstrato de forma metonímica, por exemplo: <i>braço</i> , palavra concreta, pode significar apoio e sustentáculo; <i>sangue</i> , parentesco ou estirpe familiar.
Adjetivos	O conceito de adjetivo para a estilística é muito mais largo do que para a gramática. Assim, enquanto para este adjetivo é a palavra que caracteriza os seres, para aquela tudo que sirva para caracterizar pode ser adjetivo: jeito de entonação, palavras ou frase etc. Os adjetivos também podem ser mais ou menos concretos ou abstratos. Quando dizemos – “O tempo está fresco” – temos uma sensação física de frescura; mas quando dizemos – “uma lembrança fresca” – já o adjetivo, empregado em sentido espiritual, de concreto passou a abstrato. É como se disséssemos “recente”, “de pouco tempo”.
Verbos	Na Língua Portuguesa existem dois tipos de verbo no imperativo: o primeiro expressa ordem ou pedido e é chamado positivo, e o segundo é chamado negativo porque expressa dúvida. Os verbos no particípio se dividem em regulares e irregulares. A diferença entre eles é que os regulares (matado) carregam em si uma ideia de processo e dinamismo daquilo que ele descreve. Ao passo

	que os irregulares estão condicionados a ideia de estabilidade. Os verbos empregados no modo subjuntivo dão a ideia de dúvida, hipótese etc.
Artigo	Quando o artigo aparece precedido de adjetivo ou substantivo, especifica pessoa ou objeto etc., já quando a palavra vem sem o artigo ela tende a não especificar, mas a qualificar.

Quadro 1: Classes de palavras e seu valou estilístico

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

APÊNDICE B

Análise de corpus

Escolheu-se para uma análise a seguinte cantiga de amor:

Senhor, que bem parecedes!
se mi contra vós valvesse
Deus, que vos fez, e quisesse
do mal que mi [vós] fazedes
Mi fazessedes enmenda
e, vedes, senhor, quejenda
que vos viss' e vos prouguesse.

Bem parecedes sem falha
que nunca v'yu homem tanto,
por meu mal e meu quebranto,
mays, senhor, que Deus vos valha
por quanto mal ey levado
por vós aja en por grado
veer-vos siquer já quanto.

Da vossa gran fremusura,
ond' eu, senhor, atendia
gran bem e grand' alegria
mi vem gran mal sem mesura,
e, poys ei coyta sobeja,
praza-vos já que vos veja

no na [o] hua vez d' um dia. (D. DINIS, 1261-1325 *apud* CORREIA, 1978).

	Substantivo
	Adjetivo
	Verbo